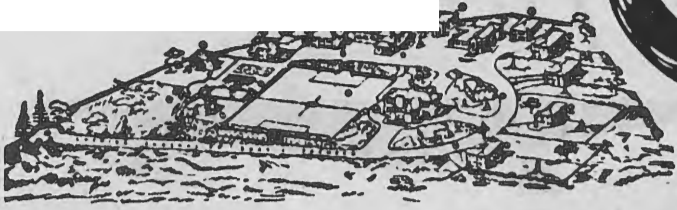




Gaiato

1 DE NOVEMBRO DE 1969
ANO XXVI — N.º 669 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIBUNA de Coimbra

Recebemos a semana passada os dois irmãos Fernando e Jorge de 12 e 9 anos. São de uma terra da fronteira. Nunca vi ninguém tão feliz como eles quando se despediram da família que os trouxe. Um aceno de mãos, o rosto risonho, foi a despedida. A bola rolou logo diante de seus pés. Eles encontraram a família. Sempre que me encontram me saudam com alegria — adeus senhor padre — e estendem-me a mão.

Têm razão. Há anos que estavam enterrados num orfanato da terra. Este orfanato já foi uma escola profissional. Hoje é uma espécie de asilo de crianças: sem gente, sem escola, sem vida. Uma dúzia de seres humanos tristes como a noite.

Estes nossos dois filhos são os mais velhos dos quatro que a mãe teve. Só do mais velho se sabe quem é o pai. Os outros vieram «por geração espontânea». A mãe faleceu de parto. A instituição que a havia recebido ficou com os dois mais novos.

Hoje, na época da contestação, apetecia-me contestar. Contestar com razão. Contestar contra orfanatos, asilos, patronatos, creches e tudo o que devia manifestar vida e não a tem. Instituições que conservam grandes nomes tradicionais, mas que perderam o espírito. Casas que deviam ser canteiros e são cemitérios.

Contestar contra «a geração espontânea». Quem gerou? Quem ofendeu o Céu e a Terra? Quem enche uma sociedade de filhos sem pai? Quem matou a mãe do Fernando, do Jorge e seus dois irmãozitos? Quem? Ninguém responde. Não foi ninguém!

Contestar a favor da instituição que havia recebido a mãe e depois ficou com os dois mais pequeninos. Calou-nos de alegria na alma esta atitude. Estamos cansados de «fazer uma grande obra de caridade» por receber meninos que ninguém quer. É tão fácil fazer-se obras de caridade à custa dos outros!

Apetecia-nos contestar sim, mas não contestamos. Preferimos dar testemunho das nossas falhas e continuarmos a fazer alguma coisa a favor dos outros. Preferimos sorrir e beijar mais vezes o Fernando e o Jorge e todos os abandonados. Preferimos continuar a amar e ajudar a todos para sermos melhores. Eis a nossa contestação.

Queremos aceitar as palavras autênticas e sinceras que o Cardeal de Varsóvia gritou aos Bispos no Sínodo de Roma — «Os homens estão cansados das discussões e diálogos. Estão cansados de quem fala muito e não ensina coisa nenhuma».

Padre Horácio

De carta de um dos nossos:

«Ainda não sei bem, mas parece-me que ficarei por Angola, acabada a comissão. O senhor deve estar a perguntar: — «Que bicho lhe mordeu aqui na Metrópole?...» Tenho aí muitas amizades, é verdade.

Empregos não me faltam. Mas tenho a família a importunar-me. É um problema difícil. Sou por ela, cristão e idealista como sou, mas não me dou com ela. Não vivemos juntos tempo bastante. E depois, pela educação, pela índole, pela condição social, afastámo-nos e não nos suportamos. Como detesto este comportamento familiar, ainda o melhor será montar a tenda por estes lados».

Tinha ele 18 anos quando começou a manifestar a sua aspiração de regressar junto da Mãe. Ele era franzino mas bem dotado de cabeça... Fui-me habituando à idela e concordel. Foi. Passado algum tempo comecei a perceber que nunca ele fôra tão nosso, tão caseiro em nossa Casa. E nunca, desde então, esta pertença deixou de progredir.

Este testemunho vem na linha da carta que fez o último «Cantinho». Na mesma que trouxe aqui, há poucos dias, o Raúl de Cête, a despedir-se em vésperas de ir para a tropa. Desabafou. Foi sóbrio em palavras, mas disse tudo o que foi a sua vida estes dois anos e meio depois que nos deixou. E pediu-me que lhe não negasse a mão quando ma quisesse beijar. Como a Família é verdade!

Mas a Família, ainda que normalmente (e com mais frequência, graças a Deus) seja a que o sangue gera, não é, essencial nem exclusivamente, fruto da carne e do sangue, que tais não são os nossos laços em relação a Deus — e quem como Ele é nosso Pai?!

Cantinho DOS RAPAZES

A amizade é obra da conviência. E a formação do carácter não vincula menos que a geração carnal. É sabido que a criança, desde pequenina criada com os avós, com uns tios, com os padrinhos..., se prende mais a eles que aos próprios pais. A formação é uma geração prolongada e tem por objectivo a alma que Deus criou, sempre mais do que o corpo que nossos pais geraram.

Também o apego dos filhos aos pais vem justa e principalmente daqui. E, se mais frequente é ele que domina, é porque normalmente os filhos vivem com os pais e são educados por eles.

Por isso o nosso homem afirma: «Não vivemos juntos tempo bastante». E acrescenta: «depois, pela educação, pela índole, pela condição

Continua na TERCEIRA página

Campanha de assinaturas

Na última edição, sob a rubrica «O nosso Jornal» e à laia de aperitivo, frizámos a oportunidade de nova «Campanha de Assinaturas». Foi chispa e rastilho que já produziu incêndio! Ora vejam:

«Correspondendo à Campanha para novas assinaturas do «Famoso» junto seguem os nomes e endereços de 23 novos assinantes. Bem haja, também, pelo S. O. S. do último número, porque senão!... ainda não era destal...»

«Tenho uma profissão que me obriga a andar quase sempre em viagens, e assim tenho facilidade em contactar com muita gente.

«As vezes, depois de fazer o meu negócio, e até quando o não consigo fazer, então lembro-me de outro muito mais rendoso, de 100% — o das coisas de Deus e dos nossos irmãos desprotegidos.

«Realmente já amava muito a «Obra da Rua»; desde fins de Agosto passado, que aí fui com minha mulher e os meus dois filhos, então fiquei a amar mais, muito mais.

«Assino alguns jornais e revistas, mas «O Gaiato» é o único que não fica nada por ler, de ponta a ponta. E, depois de o acabar de ler, tenho pena que só venha outro depois de 15 dias.»

A «Campanha» está na rua! E no interior deste «Famoso» segue o impresso adequado para cada um dos apaixonados fazer a sua colheita.

A dianteira, nesta etapa, como é óbvio, está nas mãos daquele bom Amigo do Tramaçal, com 23 novos leitores, a maioria da região de Castanheira de Pera. Sua carta espumante foi ordem de marcha. Esperávamos por ela, por uma. Não sabíamos quando, de quem, nem donde. É assim com o «Famoso». Pois não somos nós

No interior do «Famoso» segue um impresso adequado para a colheita de novos assinantes.

que actuamos; mas o Senhor, pela minha, pela tua — pelas nossas mãos.

Os senhores e as senhoras, claro, não façam vista grossa ao impresso que juntamos. Leiam-no, em primeira mão,

Continua na TERCEIRA página



UM BELO RECANTO DA NOSSA CASA DO TOJAL.

Aqui Lisboa

Afirma-se nos textos legais que Portugal é um país uno. Na prática, porém, isso está longe de se constatar. Bastará citar, entre outros, dois factos: a existência de alfândega entre a Metrópole e os territórios do Ultramar e a diversidade de moedas em circulação. Quanto ao primeiro, não raro, há inexplicavelmente exigências que transcendem as vigentes nas deslocações entre nações distintas; relativamente ao segundo, os problemas surgidos ainda são mais difíceis de compreender e aceitar. Nos postos fronteiriços trocam-se escudos por qualquer moeda estrangeira ou vice-versa. Mas, nos aeroportos nacionais, por exemplo, nem sempre, ou quase nunca, se pode trocar, em escudos, qualquer moeda ultramarina. E não falamos já dos tão conhecidos prémios de transferências entre várias partes dum país pluricontinental como é o nosso. Para concretizar melhor, três casos de que fomos testemunhas: no aeroporto de Lisboa, para alguém que se dirigia a

Luanda, pretendemos comprar angolares e foi-nos dito, na agência dum Banco ali existente, que isso só seria possível no Banco de Portugal; ao invés, senhora nossa, chegada de Angola, para telefonar, teve de recorrer a pessoa estranha, pois não conseguiu trocar angolares por escudos e obter assim as moedas indispensáveis para o efeito; no aeroporto de Bissau ouvimos dizer ao dono do bar que ali funciona só aceitar escudos metropolitanos ou dinheiro da Guiné a pessoa que pretendia pagar com angolares a despesa feita. Valha-nos Deus, a tão apregoada unidade entre as várias parcelas do território nacional não pode ser apenas uma questão de verborreia, para inglês ver! Ai de nós se nos ficamos apenas na letra e não tornamos realidade aquilo que ela pretende significar.

x x x

Uma pequena nota à consideração do Sr. Ministro da Educação Nacional. O concelho de

Loures é, sem dúvida, um dos mais importantes do País. A sede, com cerca de 7.000 habitantes, não tem nenhum estabelecimento de ensino oficial, para lá das escolas primárias. Ora isto representa uma grave deficiência, que impossibilita muitas crianças de continuarem os seus estudos ou torna difícil a muitos pais promoverem a instrução de seus filhos, dadas as despesas com transportes e alimentação, para além dos inconvenientes sérios resultantes do facto das longas deslocações e da impossibilidade de se poder acompanhar de perto a evolução dos trabalhos e o comportamento dos jovens estudantes. Se atentarmos que há muitas povoações na periferia de Loures, ainda mais distantes do que a sede dos outros onde há ensino oficial (Odivelas e Lisboa), ver-se-á da gravidade do problema. Pensamos que urge qualquer solução, embora em instalações provisórias, e que a criação do ciclo preparatório e duma escola técnica, mais do que um liceu, deveriam em breve ser uma realidade. Com esta também nós nos regozijaríamos directamente, pelas possibilidades proporcionadas aos «filhos de ninguém» que temos dentro das nossas portas. Pelos nossos e por todos os jovens interessados pedimos deferimento a Quem de direito e com poder para tal.

Padre Luís

Correspondência de família

«Sentimos uma alegria imensa neste dia 13 de Agosto de 69. Dez anos são passados. Dez anos cheios de felicidade que algumas crises de ordem vária não conseguiram abafar essa mesma felicidade. Graças a Deus.

Já há muito tempo que o não vejo. Tive esperanças de que fosse no Monumental, mas não foi. Paciência. Mas tenho à minha frente o nosso «Gaiato» e contente estou por o ver muito bom. A presença física do nosso Bispo em Portugal e de uma maneira muito particular na nossa Obra, deu dez anos de vida ao sr. padre. E não me diga que estou enganado, porque iria destruir em mim (em nós, aliás) uma convicção que há muito persiste em nosso espírito: O Bispo do Porto é, para além de tudo o mais, o Bispo da nossa Obra.

Gostei muito do «Cantinho» em que escreveu sobre a alegria e a boa disposição. É de facto um bem para todos nós o andar bem disposto, alegre, de sorriso aberto. Eu neste jeito tenho para andar triste. De tal maneira me habituei a ser um bem disposto, a cantar e a sorrir, que a maior parte dos meus colegas, na oficina, se admira quando isso não acontece. Nada ganhamos em estar tristes ou carrancudos. Quando um dia, por motivos bastante importantes e de ordem familiar, me senti bastante em baixo, muito abatido, o chefe da oficina chamou-me e quis saber o motivo, «porque não é costume você andar assim». Portanto, e se me permite, quero pedir-lhe que numa das suas homilias diga aos nossos rapazes da importância que pode ter para nós a boa disposição, a alegria e o sorriso franco. Eu peço isto porque sei por experiência própria que os nossos rapazes raramente lêem «O Gaiato». Só quando estamos cá fora é que sentimos necessi-

dade de o ler. Na homilia pode falar a todos ao mesmo tempo e todos perceberão melhor que o melhor remédio para os carrancudos é a alegria que irradia dos outros. Quantas vezes, em Paço de Sousa, eu sabia que razões poderosas o senhor tinha para andar triste e no entanto sorria sempre. Lembra-se? Quantas vezes!

O Sr. Russel de Sousa, que Deus haja, também foi um Amigo meu, dos meus «tempos heróicos». Era meu «freguês», como tantos outros «fregueses» que eu tive até aos nove anos. Eu e os da minha «quadriha», chamávamos-lhe o Sr. Doutor das senhas. A última vez que o vi foi, ainda eu era vendedor de «O Gaiato», na estação de Campanhã quando fez parte do grupo de homens importantes que acompanhou até S. Bento o então Presidente da República, Marechal Carmona. Acenei-lhe e quando me reconheceu acenou-me também. Um homem bom.

Por este condado, graças a Deus, vai tudo bem. Eu estou de férias até dia 18. Já fomos 2 dias à praia da Parede e tornamos amanhã e depois. A praia tem feito bem a todos nós. Pelo menos nestes dias a rapaziada devora tudo o que se lhes põe na frente. Depois, só com ralhos e alguns bofetões... Tal como o ano passado, estou todo queimado apesar de muito mais cuidado. Só o José Cândido fica em casa com a avó. O resto vai tudo para a Parede. Quanto a actividade, o Carlos passou para a 3.ª classe e para o 3.º catecismo. O Américo passou para a 2.ª classe e fez a primeira Comunhão. A Maria Cândida vai este ano para a escola.

Bem haja por tudo.

José Cândido, Paulo Jorge, José Manuel, Maria Cândida, Américo, Carlos Daniel, Ana e eu.»

Do que nós necessitamos

Estas, são linhas respigadas duma carta, dum Amigo de Pai Américo dos tempos de Coimbra:

«Junto envio um cheque de 2.450\$, importância das cigarrilhas que teriam sido fumadas, desde Janeiro a Agosto incluído.

Peço-lhe que me lembre nas suas orações, pois uma dura provação de alma muito precisa de auxílio».

Que o Senhor Jesus, lhe dê a paz de que precisa e deseja o nosso coração.

Da Fábrica dos Perdigueiros, uma saca de fios de lã, com o peso de 55 quilos. «E abraços para todos dum Irmão em Cristo», Manhã de domingo, dum dia lindo. Uma Senhora de luto, discreta e apressada, entrega um envelope e desaparece. Abrimos. Eram 40 contos! Bem haja, minha Senhora.

De Valadares, 50\$00. Mais

100\$ de Almeirim. Do grupo Excursionista de S. Bráz, 50\$, entregues no Lar do Porto. Lecista de Figueira com 50\$00. Luisa, festejando mais um aniversário de seu marido, com 500\$. Permita Deus que muitos mais cheguem a festejar.

Doente torrejana com 50\$00. Mil de Lisboa. Mais 200\$00 do Porto. De uma Margarida, 150\$. Ass. 27889 com 20\$. Da Póvoa, 20\$. Praia de Santa Cruz com 500\$. Roupas do Ass. 15442, de Lisboa. Mais de Estarreja, 500\$. E 200\$ de Lisboa. E 100\$00 da Foz do Douro. Vicentina de Braga com 100\$. Mais roupa, muito bem embalada e arranjada, da Covilhã. Mais dela de Coimbra. R. C. com 500\$. Ass. 33646, com um vale de 1.750\$. Transmontana com 50\$00. Mais de Castelo Branco 100\$00. E Aveiro com 120\$. Casal amigo, festejando o 3.º aniversário de seu casamento, reparte da sua

alegria, enviando-nos 100\$. Mais migalhas, de visitantes de Lamego, a quem servi de cicerone e para quem a visita a esta Casa, foi um «prazer salutar».

Para a maior necessidade do momento, 150\$00 do Porto. Ass. 17266, com o primeiro ordenado de sua filha, entregue na visita que nos fez. São 2.008\$. Mais 40\$ de «Obra de Deus, para os Pobres». Almada com 100\$00. De Tomar, 20\$. Amigos do Bairro da Pasteleira, com 120\$ e 200\$. Da Trav. da Quinta Amarela 113\$. Do grupo excursionista, «Os Pombos de Chaimite», 163\$40. E cá vai o persistente sobrevivente do casal R. D. com as presenças mensais de sempre.

«Tenho a esposa ausente por motivos profissionais. Peço um Pai Nosso pela nossa união rápida». E do Ass. 14590, com 100\$. O Senhor o ouça, Amigo. Mais 1.500\$, em cumprimento duma promessa, «Duma espanhola». Valadares com 100\$00. «Admiradora das primeiras horas», com 1.000\$. Anónima de Pardelhas, com roupas. De uma primeira semana de trabalho, 145\$. «Pobre viúva», de Lisboa, com 500\$. Da Amadora, os 75\$ em selos, de todos os meses. E cá vão mais Amigos, também mensais, com suas dádivas.

São: E. D. M. com 40\$. Assinante de Rio Tinto, com 100\$. António Silva com 150\$00. E do Sr. Manuel da Rua da Corticeira os 40\$ habituais.

Donativos de graças recebidas e promessas feitas a Pai Américo. Aí vão: 50\$ de Algueres. 500\$ dum jovem casal. 300\$ de alguém. 200\$ de Maria Helena. Da Invicta, 200\$. Mais 1.500\$ entregues em mãos. E 5 contos, início duma promessa. Mais 200\$ de Moura. E 130\$ de Bombarral.

Da muito estimada «Avó de Moscovide», 100\$. Livros escolares da Calçada da Estrela. E 100\$ da Senhora da Hora. Igual quantia de Lisboa. Mais 60\$00 da Amadora. E 1.000\$, contri-

buição do Pessoal do Posto Clínico n.º 3 da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família. Ass. 25209, com 100\$. Braga com 40\$. De Agueda, Ass. 16744, 100\$.

E cá vai o cartãozinho mensal que sempre me alegra a transcrever: «Da nossa filha para os vossos filhos, nossos irmãos, o «abono de família» do mês de Setembro.

Um casal muito amigo.»

Pelas vossas ofertas, sejam elas de que género e dimensão forem, a nossa gratidão, e a certeza que vos não esquecemos nas nossas orações.

Manuel Pinto



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Apesar de os leitores de o «Gaiato», pelo qual este Centro é conhecido, estarem um pouco esquecidos dele, nem por isso paramos com os nossos trabalhos. Era preciso continuar a ter estas pequenitas entretidas, durante o período de férias escolares. É certo, que está tudo em lote, e muito dinheiro empatado, mas confiamos no Senhor que tudo irá. Durante o verão, os amigos mais interessados em que a Casa não feche, se vão lembrando de nós, com as suas encomendas. Para o Porto — um tapete e uma manta. Foz Coa — 2 tapetes. A pessoa a quem se destinavam ficou muito satisfeita. Barcelos — 1 chale, Lisboa — 8 chales, 6 puloveres, e 2 mantas para viagem. Tentugal — 1 casaco em malha,

Moçambique — 1 capa e 1 par de sapatos. Vermelha — 3 colchas em lã para cama de casal. Tomar uma colcha. Vila Nova de Gaia — 1 chale. Porto — 2 mantas. Ferreira do Zézere — 1 chale. Vilar — 2 colchas. Trás-os-Montes — 1 chale. Lisboa — 1 chale. Penafiel — 3 chales para bebé. Lisboa — 1 manta. Setúbal — uma colcha. Foz do Douro — 1 colcha. Alijó — 50\$ e um lençol a mandar para o Calvário. De Lisboa as contribuições mensais. Sabe Deus com que sacrifícios muitas vezes os farão, mas não faltam. Outros com mais facilidades de poderem ajudar os seus Irmãos Pobres não o fazem. Não se lembram que um dia estarão nas mesmas condições, porque o que têm de Deus lhes veio, e esse mesmo Deus lho pode tirar. Distribuir pois pelos Pobres enquanto é tempo, porque o Senhor não se deixa vencer em generosidade.

A casa para quem tinha pedido a vossa ajuda, já está composta, mas a dívida está em parte por pagar. Peço pois àqueles que nada mandaram, me tirem ainda desta aflição.

María Augusta

Setúbal

Hoje fiquei triste: Entrou alguém na minha oficina para entregar um embrulho com roupa. Era a hora do almoço. Os trabalhos tinham parado e cada um, depois de mudar de roupa e de se lavar e ajeitar, dirigiu-se pró refeitório, onde a sopa os esperava. Eu era um retardatário e atendi.

A pessoa não nos conhecia. É o «mito». Foi alguém que lhe disse que nós éramos e ela veio trazer. Eu insisti e mostrei-lhe as nossas oficinas. Falei-lhe no nosso Lar; desejei que nos visse e compreendesse. «Que não, que tinha pressa.»

Fui prá mesa a pensar no porquê desta gente que nos ajuda e não quer ver-nos pra melhor nos amar.

«Nós somos uma palavra nova». E são poucos os que sentem essa palavra, porque não nos vêem no dinamismo dela, na acção do rapaz que é a realização da nossa Obra. Cada um com sua maneira e seus desvelos, é a força viva da existência desta Obra.

Chegar e entregar um embrulho ou um envelope são coisas muito boas. Mas vir, observar, falar, lidar com o rapaz vendo-o naquilo que é seu, isto é que é o sentido.

Pois, Senhores e Senhoras: Nós temos a certeza de ser vida prós nossos rapazes e precisamos que tu o sejas também! Que venhas até nós, perguntes

é o que provém de onde não há culto da honra, a religião do amor. Se ele aproveitou, pois, do que a Obra tem para lhe dar, mudou de condição social. Estranho, anormal mesmo, é que ele regresse ao seu meio de origem e se sinta bem, depois de ter conhecido janelas e jardins que deram oxigénio aos seus pulmões e horizontes à sua alma espiritual. Todo aquele que aqui respirou fundo e abriu bem os olhos, há-de sofrer um choque semelhante ao regressar ao berço da sua carne e do seu sangue, a menos que aí tenha havido uma restauração autêntica.

Nem só de pão vive o homem. Sem amor a vida é infernal. E o amor, debaixo das nossas telhas, não é uma ficção, apesar de todos os nossos defeitos e fraquezas, de que temos plena consciência. Ele é o nosso argumento, a nossa força, a vitória final que pode demorar, mas nunca falta.

Por isso não exorbitamos quando, a respeito de um de vós que nos não enganámos ao receber, que é autenticamente nosso, quando — digo — reclamamos até ao fim os nossos direitos de Família, nascida no coração de Pai Américo da dor de tantas famílias anormais que a rua lhe deu a conhecer.

e vejas o que eles próprios te mostram e dizem.

E ama... E ajuda a construir.

X X X

Por falar em visitas, eis outra, esta portadora de uma alegria que nos faz pequenos e nos faz olhar pró «longe»... de onde viemos e de onde somos.

O homem espreita a oficina. Queria estar com Senhor Padre Acfllo.

— Olhe, não sei se ele está, mas se quer ver o nosso Lar... ó Lemos, mostra a estes Senhores o nosso Lar.

Viram, saborearam e foram... Somos família prós que estão e prós que nos vêm ver e querem sentir o que somos: Obra de Rapazes, para eles, e «por eles».

Não somos capazes nem é da norma pôr estatutos nem nada que não seja acolher, amar, esperar... Que o rapaz sinta e seja ele a mostrar a grandeza que o enobrece e lhe dá Vida

Somos porta aberta pra todos os que nos querem ver.

X X X

Rogério, que depois de muito querer e de muito servir fez o 7.º do liceu, foi monitor da nossa Telescola. Agora anda a cumprir o serviço militar. E como temos vários pró 2.º ano e não sei quantos pró primeiro, andamos a ver quem se chega, e com quem podemos contar.

Nós queremos andar com o Progresso tal como o pai de família que procura os meios mais a d e q u a d o s, prá felicidade do filho.

Vós sabeis bem as vossas preocupações com os poucos que tendes. Nós queremos que os nossos cheguem até onde desejas que os teus alcancem.

X X X

Tem sidó um rôr de festas aqui em Casa. São os exames de adultos. A Festa, é por via de quem eles são e de onde saíram. O atrazo diz-te do porquê, e para que adivinhes o resto, digo-te que todos eram habitantes da barraca: atrofiados dela e da Sociedade que passa por ela sem enxergar. Bem haja a Professora que deixou os seus filhos para vir durante as férias preparar os nossos.

Ernesto Pinto

Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

social afastámo-nos...

Se é pela educação que mais nos prendemos com laços de autêntica familiaridade, não admira que as diferenças de educação afastem e levem as dificuldades que levam ao desabafo: « não nos suportamos ».

Quando a Família de sangue não existe ou, anormalmente, é incapaz de prosseguir a missão formadora que a geração implica — que haja uma Família de substituição que tome sobre si essa divina tarefa de fazer da criança uma pessoa de bem. A realiza-

ção desta obra, a tal geração prolongada de que falo acima, confere reais e legítimos laços de Família entre os que suprem e os que sofriam a anormalidade da família original.

Foi assim que Pai Américo viu e respondeu ao problema do rapaz sem família (mesmo quando fisicamente ela existe), em termos de Família, afirmando que «tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Não se encandalize, pois, ninguém, ao escutar do meu correspondente uma referência a diferenças de «condição social». É que o rapaz típico da Obra, o nosso caso normal,



Uma rica imagem do cortejo de oferendas para a nossa Casa de Malanje.

Campanha de assinaturas

Cont. da PRIMEIRA página

atentamente. E só depois entrem em acção. É que a «O Gaiato», sim, convem leitores. E não gente que se disponha só a fazer número, por pretensa devoção. É muito difícil. E, por ser difícil, repetimos, mais rentável e gloriosa a tarefa santa que depomos em vossas mãos. Estamos, no entanto, a ver gente que dizem ser árida — mas ávida — por esse mundo fora, à espera de quem lhe dê o toque. Nunca como agora, é certo, o mundo teve tanta fome e sede de Verdade e Vida.

Atestemo-nos de coragem. E vamos à colheita! Não importa o resultado. Podem ser dois, trinta, cem e mesmo nada, nenhum. Importa, sobretudo, que todos e cada um incluam sua quota parte de amor no rejuvenescer de fileiras que hoje

reencetamos. Oh que feliz tarefa! Logo que haja, porém, notícias, exuberantes ou amargas, venham por aí fora; por carta, à mão ou de viva voz, para que todos participem. Aqui está uma das maiores riquezas do «Famoso», entre os seus leitores — ouvir e ser ouvido; dar e receber. Diálogo perene que faz dele «o único que não fica nada por ler» (por comer, diríamos), segundo a expressão daquele amigo do Tramagal.

Júlio Mendes

Visado pela

Comissão de Censura



ALDEIA — A nova Aldeia tem crescido devagar, porque uma obra como a nossa não pode ir tão rapidamente como se possa imaginar.

A casa-mãe vai tomando a sua forma definitiva. Praticamente só faltam os acabamentos para se dar como acabada.

Graças àquilo que nos dão tem sido possível sustentar este grande encargo que tem dado cabo da cabeça ao Sr. Padre Luis e de certo modo a todos os rapazes. Também graças a essa ajuda, foi possível chegarmos até onde estamos — sem contrairmos dívidas de qualquer espécie. Todos os materiais que adquirimos são prontamente pagos. Apenas somos devedores àqueles que, de qualquer modo, nos auxiliam, tanto espiritual como materialmente; mas contamos com o Amor de Deus para que essa dívida seja um dia paga pela mesma medida.

O nosso casal agrícola, como numa crónica anterior tive ocasião de dizer, foi sujeito a uma reconstrução que modificou, totalmente, as suas linhas interiores: no rés-do-chão terá menos divisões, visto tê-las agora muito maiores, tendo resultado um refeitório espaçoso e confortável e uma cozinha com as divisões anexas todas amplas; no 1.º andar, pelo contrário, as camaratas, onde anteriormente dor-

miam os mais velhos, serão transformadas, para os pequenitos, e em quartos e em casas de banho, interiores e exteriores para serviço da Casa e para hóspedes; o sótão também foi modificado para aí ficar a rouparia, casas de arrumações e de higiene. No exterior não se tocou e, por isso, terá o mesmo aspecto de um edifício nórdico.

A quinta terá um ambiente mais alegre. As avenidas e as ruas foram umas acrescentadas outras arranjadas e não deixarão de tornar mais belo o seu aspecto. Devido às árvores que se plantaram, será, num futuro muito próximo, um lugar acolhedor e repousante. Enfim, será uma aldeia conforme o pensamento de Pai Américo.

Devido aos melhoramentos que se fizeram e que se hão-de fazer, os trabalhos domésticos serão mais fáceis, menos morosos, e mais construtivos; e os Rapazes terão mais tempo para poderem ter uma formação espiritual melhor, indispensável para a construção de homens fortes, sãos de corpo e alma, e válidos para a vida.

AGRADECIMENTO — Da Fundação Gulbenkian recebemos 1

colecção de livros que se dignaram oferecer-nos para a nossa biblioteca. Serão precisos e necessários para a educação e integração na vida de todos nós. Criar, sem dúvida, nesta Casa, um maior gosto pela leitura para um dia, na vida, não nos separarmos deste meio que nos ajudará a melhor integrar na sociedade e sermos úteis para todos quantos formam a Casa do Gaiato de Lisboa.

Mário Fernando

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PROBLEMAS D'ONTEM E DE HOJE — Actualmente, o nosso raio de acção circunscreve-se, praticamente, aos velhos e diminuídos físicos. Carências d'ordem social que poderiam, há muito, ter sido encaradas e resolvidas seriamente. Mas... nem sempre a óptica responsável coincide com as realidades da vida comum dos pobres mortais. Distâncias que separam geraram cegueiras. E consequente estendal de anomalias. Por isso, particularmente nos meios rurais, custa os olhos da cara estarmos quase só ocupados em um trabalho que, na base, transcende a missão de recoveiros da Caridade Cristã — por falta indelével de Justiça Social. Cremos naquela como natural complemento e não objectivo desta. Melhor: não podemos nem devemos confundir-nos em uma missão que, de direito e de facto, não nos pertence. Por isso, com a humildade e verdade da nossa pobre acção, compete-nos chamar, e exigir a atenção que merecem os velhos e diminuídos físicos no seio de uma comunidade que também se diz cristã. E a Justiça, para ser perfeita, não admite compartimentos estanques. A generalização e aplicação prática do seguro social não deve esquecer uma fórmula de justiça que beneficie quantos — sem culpa — não possam já usufruí-lo oficialmente — e em desigualdade com os descendentes. É claro como a luz do sol! Ainda que, se for preciso, haja de se apertar a bolsa de fortunas

escandalosas. Oportuno serviço na linha ortodoxa da Doutrina Social Cristã e factor de promoção social — a bem da Nação.

O QUE RECEBEMOS — Um apelo no «Famoso» é farsa que projecta fogo!

Começámos já a colher respostas à nossa angústia por falta de «massas» para acudir à miséria imerecida dos nossos Pobres.

Abre uma assinante do Largo do Priorado, no Porto, com o valor do saldo de uma encomenda de cartões de visita, etc. — 50\$00. Mais 20\$00 da n.º 17740, «pelo eterno descanso do meu querido filho Rui». Legenda perseverante! Todavia, quanto mais se repete mais viva é. A Força do amor de Mãe! S. Pedro do Sul presente com 35\$00, com outra sobra na liquidação de um trabalho à nossa Tipografia. A «Viúva do Porteiro», nossa «velha amiga Rosa», vai com 40\$00: «20\$ são por alma do meu marido e os outros 20\$00 por uma promessa». Que Deus a ajude! Atenção Lourenço Marques: 20\$00 de uma funcionária dos C. T. U. em serviço na bela cidade do Indico. E o mesmo «de duas muitas aplicadas» a dois dos nossos Rapazes», assim reza o bilhete que me passou Manuel Pinto. Deus permita que o castigo sirva de lição. Finalmente, 40\$00 da assinante 17022. Presença tão certa como as vinte e quatro horas do dia! Por tudo, demos graças a Deus.

Júlio Mendes

BENGUELA

Obras — Esta notícia tem que ser dada com muita calma, pois também elas não podem andar muito depressa. Pois bem era preciso que andassem sempre para a frente, porque os pedidos de amparo a rapazes da rua são muitos. Mas como é que a Casa pode atender a tantos pedidos senão há vagas? Sim, Amigos, olhai bem para a miséria que vai pelas ruas das nossas cidades de Benguela e Lobito, e ao chegardes a casa lembrai-vos daquilo que se apresenta à frente dos vossos olhos e que nós também presenciámos. Mas os nossos Pa-

dres não lhes podem deitar a mão porque não temos instalações acabadas para essas almas que carecem de apoio moral e material. Por isso, amigos, fazer uma boa acção a um esfarrapado da rua, não é só pedir para entrar no seio da nossa grande família e depois nunca mais se interessar, porque em nossas Casas não falta nada. Não é bem assim. Pois não lhe faltará nada a esse rapaz, se tu ajudares nos problemas consoante as tuas posses. Esse rapaz será um homem válido para a sociedade e não um homem perdido como está muitas vezes à frente dos nossos olhos. E quem é o culpado deste homem perdido? Sim, todos nós temos culpa. Por isso, amigo, lembra-te que tens um dever a cumprir para com os teus irmãos da rua que muitas vezes são desprezados por todos nós. Há sempre um remédio para os salvares da podridão da rua. Esse remédio, será a Casa do Gaiato. Mas é lá só poderá fazer alguma coisa se a tua consciência te disser que deves ajudar uma Casa que precisa de ti. Está diante dos teus olhos a nossa Obra de Benguela. Porque não a visitas, para a veres? A grandeza da nossa Casa! É bonita que ela é! Isto tudo que tu, amigo, vês diante dos teus olhos é o suor dos nossos Padres que nem têm tempo para descanso, mas andam sempre felizes por saber que não têm ouro nem prata; sua prata e ouro são os rapazes, que por vezes os fazemos sofrer bastante. Mas Deus lá está no Alto mais o nosso querido Pai Américo a velar pelos seus Padres e filhos.

Amigos Benguelenses e Lobitenses, cá esperamos a vossa visita para apreciarem a Obra e perguntar pelos problemas que a nossa Casa tem e que merece o apoio de todos os amigos.

■ Chegou, há dias, mais um gaiato que se encontra a trabalhar na Tipografia Magalhães. É ele o Frias «ex-Bojarda». Para ele um benvindo seja por ter vindo a estas terras de África, e que a sua estadia seja por longos anos.

Amigos, fico por aqui, pedindo imensa desculpa por algo que vejam não esteja certo. Para os nossos irmãos que partiram para a Metrópole um abraço de boa viagem, da malta que ficou e não esquecendo todos os nossos leitores.

Armínio José



VISTAS DE DENTRO

Durante as férias da Senhora da cozinha, «Quim do Porto» tomou o seu lugar. Na qualidade de responsável pela despesa, era o chaveiro-mor destes reinos e desempenhou-se muito bem do seu recado — coisa de que eu seria incapaz por alergia nata a chaves, que jamais aprendo de onde são e nunca sei onde deixo.

No mesmo officio de substituição, Quim era a «mãe» dos «batatinhas». Por isso passou a dormir na Casa-Mãe, no corredor entre as duas camaratas dos mais pequeninos.

Pois uma noite, estando ele já recolhido, eu tive necessidade de entrar numa sala ao seu encargo. Fui pedir-lhe a respectiva chave. Qual não é o meu espanto quando ele pega no travesseiro e, da fronha, saca a sua carteira das chaves, ali muito abrigadinhas de qualquer «curiosidade» alheia!

Ora é assim mesmo: cada um, zeloso da sua obrigação, que se defenda e engenhoque quanto é preciso para dar boa conta da sua responsabilidade.

x x x

«Cadete» é o mais velho de três irmãos de Melgaço que vieram há tempo. A sua obrigação presente é a de refeitório dos «batatas». Mas, no princípio era do campo.

Foi o primeiro que me apareceu com um saco de maçãs do chão, indignado por irem todas

para os porcos, quando muitas tinham aproveitamento para nós. E tinham mesmo! Ele abriu-me os olhos e eu decretei que as maçãs do chão não iam prós suínos senão depois de escolhidas na cozinha. E assim foi que durante a já falada «regência» do «Quim do Porto» nos regalámos com maçãs assadas, das mais direitinhas, e com doce de maçã, das mais tocadas. E «Cadete», com muita justiça, por obra da iniciativa em prol da sã economia, foi o primeiro a lambem o dito doce.

x x x

A ideia de que no tempo de brincar se brinca e no do trabalho se há-de encarar a sério a obrigação e dar conta dela — não é assim muito fácil de meter nestas cabecinhas em formação.

Ainda a faina do vinho vinha longe e já amigo «Macau», aproveitando-se da chave da adega, por ter a obrigação de ir ao vinho para as refeições, se instalava por lá tardes inteiras, à fresquinha, imaginando trabalhos que ninguém lhe mandara nem viu realizados.

«Macau» é um homenzinho, na idade e no tamanho. Fora avisado já, vezes sem conta, de que o seu trabalho não satisfazia. Foi, pois, ganhar fora o mês de Setembro para aprender mais ao pé da realidade, de como ninguém está isento de comer o pão sem o suor do seu

rostro. Vamos a ver se lhe aproveitou...

x x x

Outro, ainda mais responsável, fôra encontrado semanas antes brincando na sua oficina. Foi dois meses para a terra. Sei que por lá fez bem a sua presença. E fez-lhe bem o estágio. No regresso, com um abraço apertado a revelar que compreendera a lição e não guardava ressentimento, mostrou-me as suas mãos:

— Olhe os calos. Foi a abrir trincheiras para cabos telefónicos. Ganhava 50\$00, mas do corpo me saía.

Ora aí está!

x x x

Abriam as aulas. Com a Telescola, um grupinho de médios com a 4.ª classe feita, que outrora se empregava em trabalhos domésticos, no campo e nas oficinas, emprega-se agora a estudar. Começa o estudo às 11 horas da manhã. De tarde é escola toda ela. E ainda à noite,

depois do terço. De modo que apenas das 8 às 11 horas eles prestam o seu concurso a trabalhos que não podemos dispensar.

Os professores clamam: — Todo este tempo de estudo é necessário.

Os responsáveis dos vários trabalhos protestam: — E quem faz o serviço?

No meio de uns e de outros eu vejo-me frito, achando razão a todos e sem saber como lhes dar solução.

Até o Avelino, que é um mansinho, me veio dizer todo bravo, na última expedição do jornal: que «assim não pode ser; que temos de fazer uma reunião de alto nível!»

x x x

É velha como a Casa do Gaiato, a sucessão das modas de passatempos.

São as «sameiras» jogadas nos degraus da Capela e das Escolas, em competição afeada, que faz ver às «24 horas de Le Mans»... Passado tempo,

são os arcos, agora até com uma modalidade nova em que «Eusébio» é o perito n.º 1... Outras vezes, os carrinhos de latas de conserva e rodas de arame... Outras, as «andas» de pau... A bola, sempre...

Agora, uma maneira de entreter os recreios que eu ainda não descobri e constitui a «última palavra» no momento em que escrevo, são os jogos de cartas, feitas por eles mesmos com papel surripiado da Tipografia (e Senhor Júlio a deixar-se comer as papas na cabeça!) e os naipes desenhados ao sabor de cada um.

Ora é aqui mesmo que está o sabor: no ser ao sabor de cada um. Fossem cartas compradas em loja de especialidade; fossem os brinquedos «made onde quer que fosse» — e não dariam o gosto que dão feitos por eles. É no construir do seu regalo que está o seu regalo.

Que pena tantos meninos afogados em tédio na sua sala de brinquedos! Nisto são os nossos mais felizes. E dão uma nota positiva da vocação de todo o homem: construir.

